

# Bibliodrama

## Um acesso à Bíblia no contexto pedagógico

*Roberto Daunis*

### Resumo

---

O uso de bibliodramas em grupos cristãos serve ao propósito de promover a aproximação e relacionar os textos bíblicos com a vida real cotidiana das pessoas. Esta aproximação supõe uma prática pedagógica adequada, que considere o texto bíblico e a vivência individual

e grupal das pessoas que com ele se ocupam, integrando as várias dimensões do conhecimento. O estudo aponta para detalhes a serem observados em relação aos participantes e em relação ao papel da liderança nos grupos de bibliodrama.

### Resumen

---

El uso del bibliodrama en grupos cristianos sirve al propósito de promover la aproximación y relacionar los textos bíblicos con la vida real cotidiana de las personas. Esta aproximación supone una práctica pedagógica adecuada, que considere el texto bíblico y la vivencia

individual y grupal de las personas que con él se ocupan, integrando varias dimensiones del conocimiento. El estudio apunta para detalles a ser observados en relación a los participantes y en relación al papel de los líderes en los grupos de bibliodrama.

### Abstract

---

The use of Bible dramas in Christian groups serves to help relate the Bible texts with the real daily lives of people and to bring these texts closer to their lives. This approach presupposes an adequate pedagogical practice that considers the biblical text and the indi-

vidual and group life experience of the people that are dealing with the texts, integrating the various dimensions of knowledge. The study points out details to be observed in relation to the participants and in relation to the role of the leadership in Bible drama groups.

## 1 – Introdução

### 1.1 – Uma palavra-sinal

Em uso há um bom tempo, *bibliodrama* é uma *palavra-sinal* para desenharmos formas determinadas de trabalho bíblico *em grupo*. É pôr em cena um texto ou uma história bíblica, tentando motivar os participantes para uma *auto-atividade* que possibilite uma *participação pessoal*.

A encenação de histórias bíblicas constituiu um recurso freqüente na catequese de outros tempos. Seu produto era uma representação visual e explicativa do *ensino religioso* para o povo, adultos e crianças, que não sabiam ler. Na Idade Média da cultura ocidental européia, as grandes encenações dos “mistérios cristãos” alcançaram alta reputação. Teatros da Paixão de Cristo e teatros de Natal existem até hoje como celebração festiva dos principais eventos religiosos da comunidade.

### 1.2 – O novo no velho

Na perspectiva da tradição do ensino religioso, portanto, pode-se afirmar, por um lado, que o “bibliodrama” na Europa e nos EUA, assim como as cenas do teatro popular na América Latina, não representa uma forma totalmente nova de trabalho bíblico. Por outro lado, porém, tanto o bibliodrama como o teatro popular mostram atualmente

uma diferença notável para com as peças cênicas tradicionais. Na forma clássica, elas consistem numa representação e numa interpretação que algum autor ou alguns atores oferecem *para* os “espectadores”. No bibliodrama e na intenção original do teatro popular, ao contrário, os participantes não são apenas “espectadores”, mas tornam-se *atores*, geralmente participantes de uma forma pessoal. Desde fins dos anos sessenta, no teatro religioso popular da América Latina, as tendências mais interessantes tentaram viabilizar uma participação mais ativa do povo. Empregam-se, às vezes, grandes forças para realizar encenações bíblico-religiosas feitas *pelos* participantes, e não simplesmente *para* eles. No entanto, a separação entre autores e espectadores nem sempre chega a ser adequadamente superada. Diante desse pano de fundo é compreensível que o bibliodrama ganhe atualmente, na América Latina, cada vez mais adeptos.

A seguir serão desenvolvidas *duas* partes. A primeira trata, de modo mais geral, a respeito dos *novos métodos e acessos didáticos* de hoje. Essa é a temática de fundo pela qual o bibliodrama se enquadra num contexto didático mais geral. Numa segunda parte são abordadas reflexões e pautas específicas para a prática pedagógica com o uso de elementos do bibliodrama.

## 2 – Novos métodos e acessos didáticos à Bíblia

### 2.1 – Pontos de partida motivadores

Vistos de perto, nem todos os chamados métodos “novos” parecem realmente novos. O impulso do “novo” consiste na tentativa de achar *pontos de partida motivadores* para incluir ativamente as pessoas no trabalho bíblico. *Motivar, incentivar, despertar interesse desde o começo* – é esse o alvo pragmático e a origem dos novos acessos ao trabalho bíblico. A razão de ser das dinâmicas e dos procedimentos de trabalho abertos e atrativos é o desejo de possibilitar formas de participação pessoal, para que os participantes não sejam apenas “ouvintes”, espectadores passivos e, em casos extremos, até mesmo “vítimas” de monólogos cansativos, teóricos, afastados da realidade, numa linguagem sofisticada que nem todos entendem. Falando a partir da experiência do ensino religioso e confirmatório, trata-se da tentativa de evitar que estudantes, jovens e crianças considerem as aulas “banquetes de tédio”.

### 2.2 – Uma figuração imaginária em dois exemplos vivenciados como opostos

Para explicar pragmaticamente a dinâmica em questão, parece útil descrever dois exemplos extremamente opostos, apelando, no entanto, ao imaginário do leitor, que pode entrar numa figuração a ser colocada antes do relato dos dois exemplos.

Certamente o leitor poderá situar-se, p. ex., numa comunidade ou grupo religioso em qualquer lugar do mundo ocidental ainda considerado cristão. É o cenário de um pastor luterano, que poderia chamar-se Abraão. Ele trabalha há vários anos nessa comunidade. Ele e a esposa, dona Sara, formada em psicologia, têm boa aceitação. Muitos membros da comunidade conhecem e prezam o casal pessoalmente. Pelo seu jeito pastoral, ambos ajudaram algumas pessoas que os consultaram. No cenário fictício aparece também uma mulher, membro da comunidade, que se colocou à disposição como presbítera, uma vez que recebeu deles uma ajuda decisiva de aconselhamento. Essa mulher conhece bem o casal, sem chegarem a ser amigos. Numa manhã de sábado ela vê a manchete do jornal da cidade e fica alarmada: tragédia na casa pastoral. O pastor Abraão em custódia policial. Um texto explica o porquê. Felizmente a tragédia fatal foi evitada no último momento, graças à intervenção inteligente de dona Sara, a esposa do pastor Abraão, que o acompanhou à delegacia. Pois ele estava prestes a sacrificar seu filho único, Isaque. Interrogado pela esposa e pelo delegado, o pastor Abraão declarou que ouviu claramente a voz de Deus, Senhor todo-poderoso, que exigia dele que lhe sacrificasse seu filho único, que ele como pai amava intensamente. “Apesar de ter dúvidas, devo fazer o que Deus exige de mim”, repetia o pastor.

É a conhecida história do cap. 22 de Gênesis. Há padres e pastores que às vezes fazem pregações um tanto esquisitas, usando esse texto para tematizar a

obediência devida a Deus. Um exemplo, conscientemente referido aqui como modelo negativo, é uma prédica mais ou menos assim: no começo aconteceu uma narrativa bastante teatral, de uma forma que alguns usam para impressionar crianças ingênuas. A narração substituiu a leitura do texto, interpretando-o ao mesmo tempo. Numa redundância penetrante, o pregador salientou a necessidade de obedecer sempre a Deus, sem perguntas nem dúvidas. É Deus quem suprirá e solucionará as dificuldades. O pastor ou padre que falava sequer parecia perceber que desse momento em diante quase ninguém mais continuava a ouvir suas repetições. Os ouvintes já sabiam bem que é preciso obedecer a Deus. O problema, no entanto, era como se pode reconhecer a vontade de Deus numa ordem tão esquisita de matar o próprio filho. Sem ter entrado nessa problemática, apenas mencionada de passagem, o pregador fez uma virada retórica no meio da fala, lançando algumas perguntas sugestivas, algo teóricas, em torno do que ele chamava de teologia da libertação. P. ex.: acaso é lícito obedecer aos superiores e às autoridades, quando exigem coisas injustas? Os ouvintes já sabiam o que ele afirmaria: não é lícito obedecer nesse caso. Obedecer assim, absolutamente, é só em relação a Deus. A pregação continuou até o “Amém” final, que felizmente aliviou mais uma vez os ouvintes, já acostumados a não mais prestar atenção quando ele falava.

A problemática desse exemplo, quase incrível em sua negatividade extrema, não é, com certeza, o fato de que toda prédica, como forma de comunicação, seja um monólogo e não um diálogo. O que faltou nessa fala foram os *elementos dialogais*, no sentido de o pregador ter-se informado seriamente sobre as

perguntas existenciais dos ouvintes, sobre suas condições de vida e seus pressupostos e interesses. No caso ideal uma pregação, apresentada retoricamente como monólogo, contém uma estrutura dialogal e se torna o resultado de um trabalho bíblico anterior que o pregador fez com pessoas interessadas.

Para construir um exemplo de contraponto, conscientemente oposto ao anterior e apresentado como positivo, o leitor pode imaginar um grupo ou uma turma de jovens adultos, retrabalhando a mesma história num bibliodrama. Quase todos os elementos motivadores que faltaram no exemplo negativo anterior podem ser encontrados na elaboração bibliodramática: a formulação clara dos problemas centrais do texto, a tematização, em grupo, de perguntas relevantes para os participantes (p. ex., quais as vias e formas de conhecer a vontade de Deus e distingui-la das projeções e desejos pessoais?; quais os critérios realistas perante exigências radicais, que derivam duma determinada interpretação das histórias bíblicas?; o esclarecimento do fato de que hoje existem parâmetros e medidas de obediência diferentes dos existentes nos tempos do antigo Israel, etc.).

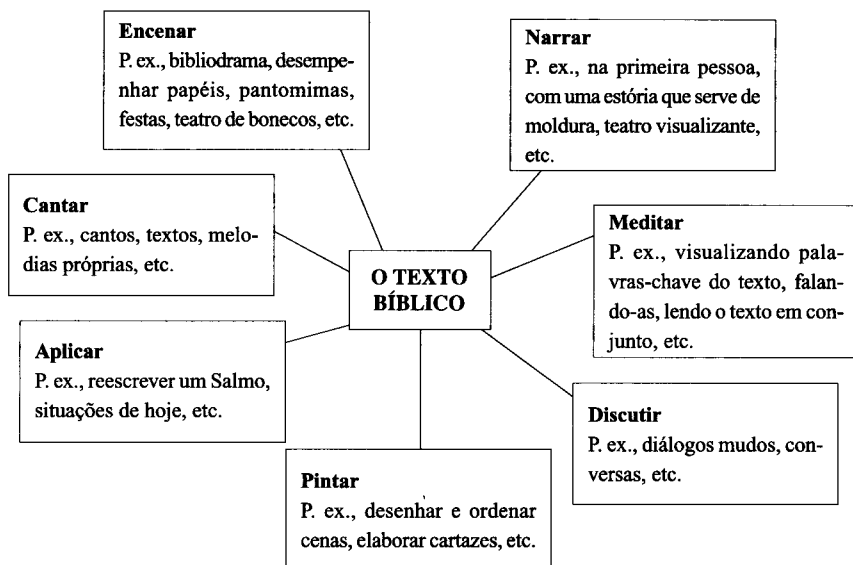
Embora pareça uma fantasia irreal, praticamente impossível e até ridícula no mundo luterano (a idéia de um pai, pastor da Igreja Luterana, aparentemente disposto a sacrificar seu filho), a figuração apresentada acima foi encenada, algumas vezes, em bibliodramas bastante bem-sucedidos. Numa primeira rodada de dramatização de papéis, aconteceu uma conversa entre Abraão e o seu filho Isaque, quando ambos estão a caminho do morro do sacrifício, e logo depois, outra conversa deles, retornando juntos. Num segundo momento de desempenho de papéis, outros participantes represen-

tam Sara e Abraão em sua casa, conversando na véspera do dia previsto, sem a presença do filho. Numa última vez, Sara e Abraão conversam na noite seguinte ao dia da ocorrência. Uma mulher participante, no papel de Sara, diz a Abraão: “Você não precisa mais sacrificar seu filho. Como pai, há muito tempo você anulou seu filho, quebrando cada dia a sua vontade, impondo-lhe exigências desnecessárias e destruindo sua auto-estima. Seu desprezo do pai (que é o desprezo dum homem insatisfeito consigo mesmo, inseguro e agressivo) foi para ele um castigo fatal, cada vez que ele não queria ou não podia obedecer às suas arbitrariedades.” Outros participantes construíram narrações pessoais na primeira pessoa, partindo da perspectiva de um pai, uma mãe ou uma filha. Dúvidas existenciais e de fé, assim como conflitos básicos da vida cotidiana, até então reprimidos, ignorados ou ocultos, foram expressos e evidenciados, compartilhados e tematizados. Outras pessoas escre-

veram uma carta para Abraão, argumentando: “Se você, com o seu jeito de patriarca, realmente crê que Javé, o Deus da vida, pode de fato exigir que você ‘mate’, quer dizer: destrua seu filho, então você não conhece o Deus da Bíblia. Além disso, como teólogo você está mal informado. Sequer sabe que essa história do cap. 22 de Gênesis provavelmente foi recolhida ou elaborada pela tradição justamente para fundamentar que Javé proíbe o sacrifício de crianças, como era costume no antigo Israel.”

### 2.3 – As formas mais freqüentes de novos acessos à Bíblia atualmente

Por meio de um esquema explicitaremos as *sete* formas de acesso didático a textos da Bíblia utilizadas com mais freqüência não apenas na área do ensino religioso:



### 3 – Algumas reflexões com vistas à prática pedagógica

#### 3.1 – Integrar várias dimensões do conhecimento num trabalho sério com a Bíblia

Nos anos oitenta surge, p. ex., na Europa um forte movimento de bibliodrama. Pouco antes haviam começado a se espalhar experiências provenientes do teatro popular latino-americano. O desabrochar do bibliodrama registrou, em pouco tempo, um rápido aumento, cronologicamente simultâneo em diversos lugares, tendo começado já antes nos EUA.

Nas igrejas evangélicas, o bibliodrama foi incentivado por mulheres e homens preocupados em experimentar formas mais participativas e pessoais de trabalho bíblico. Essa busca dura até hoje. Com efeito, o bibliodrama oferece uma participação pessoal mais integral, um trabalho abrangente que não se esgota num mero “falar *sobre*” as histórias e os textos bíblicos em linguagem abstrata e intelectual.

Um alvo central do bibliodrama é esforçar-se por um trabalho *sério* com a Bíblia. As cenas da dramatização desenrolam-se pela abordagem de várias dimensões:

*criatividade*

*estética*

*experiência*, pessoal e social (no grupo).

Elas incluem dinâmicas abertas, participativas e dialogais, que abarcam as dimensões da *afetividade*, da *ação* e da *razão*.

Trata-se, portanto, de um processo análogo ao *psicodrama* e ao *sociodrama*, que elaboram conflitos pessoais (“psíco”) e de relacionamento grupal (“só-

cio”). Um eixo central da *reflexão*, da *percepção* e das *experiências* bibliodramáticas pode ser reconhecido em seus *referenciais específicos*:

o *texto bíblico*, enquanto palavra viva de Deus,

o *eu pessoal*, enquanto elemento do “si-próprio” individual,

o *grupo*, enquanto âmbito das formas de trabalho, e

o *contexto social*, enquanto determinante da pessoa e do grupo.

#### 3.2 – Três tarefas específicas nas fases do bibliodrama

A caminhada bibliodramática percorre, em geral, *três fases*:

a) *Introduzir* ao trabalho, possibilitando desde logo um acesso não apenas ao texto bíblico, mas um relacionamento descontraído consigo mesmo e com os demais participantes do grupo, que se preparam, assim, para a tarefa comum (p. ex., descontrair-se, meditação, roda associativa, etc.). Partem de referências pessoais, abertas e livres, relacionadas com a(s) temática(s) do texto;

b) *Realizar* tarefas participativas no grupo, às vezes em pares, com dinâmicas espaçosas e folgadas (p. ex., exercícios imaginários, desempenho de papéis, dramatizações, meditações, cantos, música, diálogos temáticos e pessoais em torno do texto e das temáticas descobertas nele, orações, etc.);

c) *Concluir*, avaliar juntos o desenvolvimento das diversas tarefas e do todo.

Considerando que o bibliodrama pretende ser *um* caminho entre outros para relacionar adequadamente a Bíblia com

a vida real cotidiana dos participantes, em geral é indispensável percorrer as três fases, sem omitir nenhuma, a fim de facilitar um encontro e um trabalho eficientes.

Disso resultam as *três tarefas específicas* da liderança, que são ajudar a *estruturar, realizar e avaliar* em conjunto principalmente as encenações.

### 3.3 – Detalhes a observar quando a turma não está acostumada

Turmas orientadas para *formas cooperativas de aprendizagem*, e alunas e alunos que já fizeram a aprendizagem de *aprender a pensar* autonomamente e de *relacionar-se* pessoal e afetivamente, não terão maiores dificuldades de acesso a encenações bibliodramáticas. Pelo contrário, turmas acostumadas apenas a uma forma frontal e diretiva de ensino, que produz uma aprendizagem mais passiva, geralmente precisam de uma *dupla preparação* até que saibam lidar com dinâmicas abertas e participativas, a fim de integrar *elementos bibliodramáticos* em seu trabalho de aprendizagem.

A (dupla) preparação consiste em:

a) uma preparação *a longo prazo* que permita experimentar, inicialmente, formas prévias de dinâmicas ou participações mais simples que as que exigem os elementos bibliodramáticos (p. ex., exercícios de interação, para conhecer-se e relacionar-se mais pessoalmente, bem como a prática de diálogos que observem as regras básicas de conversas simétricas a partir do respeito mútuo), e

b) uma *organização detalhada e paciente*, imediatamente *antes* do jogo previsto (esclarecendo a situação concreta da qual o jogo deve partir, o “*setting*” ou ponto de partida).

Para obter condições ideais de trabalho com elementos bibliodramáticos, passíveis de ser utilizados no ensino religioso escolar e confirmatório, é necessário proceder adotando algumas cautelas:

aa) No que diz respeito ao *planejamento* de jogos abertos:

– proporcionar *clareza* sobre os papéis a serem representados, esclarecer com os participantes *quem* gostaria de assumir (livremente!) *que* papel; é indispensável que os atores reconheçam (e formulem) tarefas *nitidas*, a fim de que cada um/a possa preparar, imaginar, limitar e repensar seu papel;

– partir de uma *situação inicial* (“*setting*”) *bem determinada*, que seja fácil de ser entendida (um caso claro, um problema concreto, um pequeno conflito, algo típico que acontece na vida diária);

Se não for assim, os atores, principalmente os mais jovens, são prematuramente exigidos demais, ficam quase desamparados, e reagem forçados, sem chegar a realizar ações expressivas e coerentes. Nessa situação permanecem calados e inertes, ou, inversamente, fazem bobagens e qualquer bagunça, sem demonstrar interesse por um trabalho responsável que tenha sentido;

bb) A/o *líder* precisa esclarecer, sempre de novo, *seu próprio papel*, que pode atingir vários aspectos (ser somente líder; ser líder e participante; nesse caso, em que medida e em quais situações, que papel desempenhará, etc.). Tanto no início quanto durante o desenvolvimento e no final, a tarefa da liderança consiste em iniciar processos, incentivar e acompanhar, para possibilitar participações autênticas e improvisações genuínas. É muito importante abrir espaço para contribuições livres e pessoais, por um lado

não regulamentadas, e por outro flexivelmente direcionadas e levemente estruturadas, para evitar repetições desnecessárias e cansativas, bem como desvios caóticos e frustrantes, que derivam das expectativas altamente narcisistas de alguns participantes.

A tarefa da/o líder, no entanto, não pode ser a de oferecer ao grupo, talvez perplexo e inativo, soluções prontas, mas, sim, de incentivar os participantes a:

- perceber seus sentimentos,
- formular suas perguntas e
- experimentar caminhos e soluções possíveis.

### 3.4 – A dramatização como tarefa exigente e séria

Por ser uma tarefa realmente criativa, a dramatização, como uma constante específica do bibliodrama, resulta sempre num trabalho sério e exigente.

As formas abertas de dramatização, as cenas, as dinâmicas livres, as pantomimas e danças, etc., alternam-se com conversas pessoais e diálogos intensivos em torno do texto bíblico. Quando necessário, breves informações exegéticas podem e devem ser oferecidas na progressão do processo cooperativo (evitando fazer longas “palestras” iniciais).

As perspectivas da ação concentram-se em várias *condições e tarefas*:

a) *Atualização*: qual o significado para mim, para o grupo; quais as situações concretas da vida e qual a dimensão da vida da fé; quais as exigências possíveis e realistas do compromisso cristão, etc.;

b) Os “*rituais*” que facilitem uma elaboração comum e própria do grupo; as festas acontecem, geralmente, no final;

c) Um *fim aberto* das encenações e dos diálogos, uma vez que processos realmente criativos não prevêm um resultado fixo ou exato no final;

d) *Trabalho em equipe*, com um/a líder *formado/a* (e mais uma pessoa com experiência bibliodramática como assistente), cerca de dez participantes, atuando todos num intercâmbio de alteridade (uma vez, alguns de forma mais ativa, outras vezes, afastando-se do centro das atividades para abrir espaço para os demais);

e) *Disposição* para, caso necessário, abandonar um processo metodológico e construir um novo;

f) *Capacidade* de trabalhar com destreza os métodos de dinâmica de grupo;

g) *Um/a líder* (formado/a) com suficiente experiência e firmeza interior para saber lidar com alguns problemas delicados e sensíveis que, às vezes, surgem (depressões, agressões, projeções, transferências, etc.).

Disso resulta que qualquer diletantismo significa sempre um grande perigo real. A consequência para o ensino religioso é que muitas vezes somente se podem integrar *alguns* “elementos bibliodramáticos” (= dinâmicas abertas e participativas!) no trabalho cotidiano e nos projetos pedagógicos.

### 3.5 – Vantagens

Apesar de eventuais dificuldades e das exigências reais que o trabalho bibliodramático significa, não deveriam ser desprezadas suas grandes vantagens. Trata-se de redescobrir o trabalho com a Bíblia como *livro da vida* real e pessoal.

A realidade é que no bibliodrama se precisa de tempo para:

- compreender o texto bíblico como um todo e nos seus detalhes,



- esclarecer mal-entendidos da pessoa e do grupo,
- manifestar impressões, idéias, fantasias e desejos,
- trocar informações e pareceres,
- contar lembranças, ouvir os outros atentamente e falar da experiência própria,
- assumir e apresentar diferentes papéis e pontos de vista.

As histórias bíblicas ganham um significado enorme, já ao serem adequadamente narradas. Nas apresentações bibliodramáticas (próprias, pessoais e engenhosas) elas podem ser experimentadas de forma ainda mais intensiva e integral. Os participantes começam a ver-se a si mesmos, aos outros, ao mundo e ao texto em perspectivas diferentes das que tinham experimentado até agora. Os horizontes se alargam, o olhar torna-se mais aguçado e abrangente, aproximando-se das profundezas do próprio inconsciente, das projeções e transferências.

Esse trabalho engajado *reativa qualidades e atos* de conhecimento e de comportamento social, como, p. ex.: *intuição, percepção da realidade* (percepção de si mesmo e dos outros), *formulação de desejos ocultos e reprimidos, energia e nova dinâmica pessoal, descoberta de novas possibilidades, sagacidade, interesse palpitante, resistência, catarses emocionais* (entre conformar-se, sublevar-se ou permanecer reprimido), *aceitação dos próprios limites, das faltas e dos erros, etc.*

No bibliodrama podem acontecer identificações assombrosas e desconcertantes com personagens da Bíblia ou com forças da realidade psíquica do ser humano. Os participantes podem, p. ex., descobrir limites e possibilidades pessoais diante das exigências radicais da Bíblia ou diante de certas demandas e expectativas do próximo. O processo de esclarecimento ajuda ora a decidir “cortes”, subtrações adequadas ou necessárias, ora a obter um novo incentivo para empreender tarefas indispensáveis.

#### 4 – À guisa de conclusão: Bíblia ou drama?

Bíblia ou drama? É uma alternativa que não deveria ser mal-entendida, como se o “drama” significasse simplesmente *psicodrama* ou *sociodrama*, no sentido de um trabalho exclusivamente psicológico, *sem* a Bíblia nem a fé. O bibliodrama é um trabalho bíblico, um processo tanto espiritual quanto de construção (psicológica e intelectual) do conhecimento (Gerhard Marcel Martin). Como trabalho especificamente bíblico, o bibliodrama ajuda para uma maior experiência de si próprio. A palavra “drama” significa literalmente: ação, aconteci-

mento ou sucesso (no sentido do que ocorre na vida diária).

Embora o bibliodrama possa utilizar elementos psicodramáticos, há uma diferença fundamental: nos trabalhos de dinâmica de grupo o alvo é geralmente um processo terapêutico explicitamente relacionado a uma determinada pessoa. No bibliodrama, porém, trata-se de um encontro *com a Bíblia no grupo*. Por isso não existem, no bibliodrama, os “protagonistas” do psicodrama. Dentro desses limites, a prática bibliodramática bem pode criar um efeito terapêutico no amplo sen-

tido de *therapeuain*: “tomar-se cada vez mais um pouco mais idêntico consigo mesmo” e, por conseqüência, *sadio*.

A Bíblia trata de *conflitos básicos* do ser humano (do nascimento até a morte), dos relacionamentos fundamentais (homem – mulher, pais – filhos, superior – subordinados, etc.) e da vida social (violência – paz, carência – abundância, trabalho – exploração – mais-valia de valor – libertação, etc.). Por isso,

o trabalho engajado dos fiéis com a Bíblia pode ter não apenas conseqüências terapêuticas para os indivíduos, mas também decorrências sociais, devido a novos conhecimentos da fé pessoal. É também por isso que “fiéis” interessados, exclusiva ou principalmente, em manter uma política conservadora e uma ordem sócio-econômica de exploração sistemática lançam descrédito sobre o bibliodrama e, entre outras, o boicotam.

### Bibliografia (pequena seleção)

- ARNOLDSHEIMER KONFERENZ, Theologischer Ausschuss. *Das Buch Gottes* : elf Zugänge zur Bibel. Neukirchen, 1992.
- BERG, H. K. *Ein Wort wie Feuer*. München, 1992.
- BOAL, A. *Teatro dos oprimidos* : técnicas latino-americanas de Teatro Popular. São Paulo, 1968.
- BOBROWSKI, J. *Bibliodramapaxis* : biblische Symbole im Spiel erfahren. Riessen, 1990.
- GUTIÉRREZ, S. et al. *Teatro Popular y cambio social en América Latina* : panorama de una experiencia. Costa Rica, 1979.
- KIEHN, A. et al. *Bibliodrama*. Stuttgart, 1987.
- LAEUCHLI, S. *Das Spiel vor dem dunklen Gott* : “Mimesis” : ein Beitrag zur Entwicklung des Bibliodramas. Neukirchen, 1987.
- MARTIN, G. M. Verbete Bibliodrama. In: *Evangelisches Kirchenlexikon*. Göttingen, 1986. vol. I, p. 487-488.
- . Bibliodrama : ein Modell wird besichtigt. In: KIEHN, A. op. cit. p. 55ss.
- . Das Bibliodrama und sein Text. *Erfahrung und Theologie*, Frankfurt/M., n. 45, p. 515-526, 1985.
- SCHNEIDER-HARPPRECHT, C. O que é bibliodrama? *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 32, p. 126-137, 1992.
- SCHÖR, H. Bibelauslegung durch Bibelgebrauch. *Evangelische Theologie*, v. 45, p. 500ss., 1985.
- WARNS, E. N. Spielprozesse zu biblischen Texten. *Evangelischer Erzieher*, v. 35, p. 286ss., 1983.

Roberto Daunis  
Ellwanger Strasse 22  
D-71640 Ludwigsburg  
Alemanha